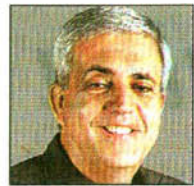


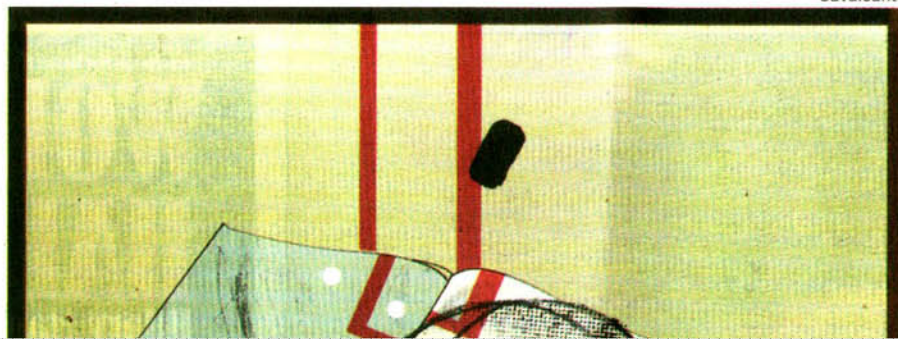
Como retornar à noite anterior a um nascimento? Será possível apagar uma vida para, com o coração vazio, seguir em frente? A resposta é não e quem a grita é o poeta e crítico Walmir Ayala quando, no ano de 1990, vésperas de sua morte, escreveu "A viagem", emocionante livro de poemas, que deixou inédito. Ele é lançado, agora e enfim, pela editora Bem-Te-Vi, de Vivi Nabuco, com edição de Sebastião Lacerda.

Poeta da terceira geração do Modernismo, Ayala é, muito mais que isso, um poeta inconfundível, que transforma a poesia em uma fracassada, mas bela, indagação sobre o oculto. Escreve: "Assim no escuro te contemplo/ absoluto no que não te mostra". Poemas escritos em memória, mas também na esperança da volta de um surfiato morto. "A viagem" é

JOSÉ CASTELLO



Cavalcante



Nenhuma ignorância — a cegueira em que, de propósito, persevero — tira, contudo, a paixão dos versos. Mapa indecifrável, eles me arrastam por vãos estreitos, ali onde uma legião de leitores ronda à espera de alimento. "Por ti farei da dor uma tensa poesia", o poeta escreve, legitimando esse sentimento. E ele me ampara e me dá de comer.

A morte, nos diz, despenca um dia "como um anjo de asas despenadas". Para que interrogá-la? Como acessar a Verdade da morte? Os médicos apresentam atestados, os jornalistas versões, as testemunhas seu choro. Mas a poesia está fora de tudo isso — e, no entanto, carrega tudo isso dentro de si. O surfista morto de Saquarema transformou-se em ar: "Paro um momento e te respiro". A poesia, como a morte,

LANÇAMENTOS



Memórias, de Gregório Bezerra • Editora Boitempo, 648 páginas • R\$ 74



errior

do morto. Duras como ou uma prancha de surfistestentam. A própria idéia, só uma palavra. O que ela realmente quer dizer?

À entrada, há sim um nome: "Em memória de Gustavo Adolfo Cox (1970-1989)". Dezenove anos, e morto. Meu primeiro impulso é pesquisar essa existência. Algo (a própria poesia, que não precisa do mundo para ser), porém, me detém. Desconheço detalhes da vida de Ayala; algo me diz que é melhor persistir na ignorância. Deixar que a poesia tome o lugar do passado, reduzi-la a registro (Histórias de Religião). Que é, e isso me basta. Deve

um da paixão". Ele precisa dessa máscara que encobre, mas realça, a ausência amada. Diz mais: "Assim no escuro te contemplo,/ absoluto no que não te mostra". O poeta não está cego: o poeta (todo poeta) é cego. Para além dele, inacessível, a vida escorre. Diz: "Éramos tão felizes que só viver bastava".

Poetas habitam uma noite anterior. Vivem antes. Não para reconstruir o que já não está ali, mas para provar daquele tempo que antecede o real, espécie de poço profundo do qual não só o poema, mas toda a vida emerge. Escreve Ayala: "Olho a noite que me abraça e nem precisa de imagem para ser sentida". Um tempo em que o corpo, suporte da vida, frágil prancha, ainda não a aguenta. Uma origem.

Tudo o que ele tem (página em branco) é um quarto vazio. "Tento mudar de posição os móveis, a cama/ onde dormias parece um tronco/ levado pelas águas". Fazer poesia é matar? Não deixa de ser: a metáfora, porque deslocada e torta, é sempre assassina. Mas é a beleza que ela desceira com seu gesto violento. É o osso trêmulo da vida que ela, ocupando seu lugar, nos permite ver.

Aceito, enfim, a frieza da Verdade: no ano de 1989, o jovem Gustavo Adolfo Cox cometeu suicídio em Saquarema. Tinha 19 anos e era filho de criação do poeta Walmir Ayala. Não nego que a informação empresta ainda mais dor aos poemas. O livro se torna um trabalho de luto. Mas será que isso acrescenta mais poesia à poesia?

Email: josegcastello@gmail.com. Leia mais textos do colunista em www.oglobo.com.br/blogs/literatura

de novas imagens e depoimentos. A apresentação é da historiadora Anita Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário.



O debate sobre Deus — Razão, fé e revolução, de Terry Eagleton. Tradução de Regina Lyra • Editora Nova Fronteira, 168 páginas • R\$ 49,90

• O livro reúne conferências em que Terry Eagleton, um dos principais críticos literários em atividade hoje, revê a relação entre crença religiosa e razão, criticando o ateísmo militante de autores como Richard Dawkins.



A ética da autenticidade, de Charles Taylor. Tradução de Talyta Carvalho • Editora É Realizações, 128 páginas • R\$ 33

• Entre o relativismo liberal e a condenação conservadora da "decadência" moderna, o filósofo Charles Taylor propõe um modelo em que os valores sejam pensados como construção do "eu" em diálogo com a sociedade.



O caso Neruda, de Roberto Ampuero. Tradução de Wladir Dupont • Editora Bem-te-vi, 121 páginas • R\$ 44,90

• Romance policial situado no Chile de 1973, na iminência do golpe militar, o livro narra a história de um poeta que se envolve em um caso de corrupção.

da morte. Sentado, frontal, simétrico,/ sou teu escriba", admite sem contorcer as palavras. "Agora estou sozinho, sou apenas um retrato terrível, / E tu navegas para a glória". O poeta (difícil missão) é aquele que encara o que já não está ali. Mordomo do vazio, ele zela pela presença de um ausente. De nada lhe servem os consolos humanos: "Alguém me disse: 'tu não o perdeste, agora é que ele é teu'. Não aceitou a metáfora, repeliu-a. Palavras são lençóis que só com grande esforço encobrem o corpo da vida.

O poeta-arqueólogo, porém, se põe a escavar os ossos da língua. Escreve Ayala: "E continuo cavando, cavando com as unhas maceradas/ como se o mistério fosse mensurável". Não só o mistério não é mensurável, como não é pronunciável. Melhor dizer: não mistério, mas enigma. Isso, porém, em vez de impedir o trabalho da poesia, lhe abre caminho.

"Eu o sinto agora como se fosse meu filho", diz ainda. Quem morreu? Um filho, um ser amado, um ideal? A grande colcha das metáforas encobre a imagem do surfista morto. Torna-a trêmula, esmaecida, uma sombra em que qualquer fantasma se acomoda. Qualquer, mas não qualquer um: sem um laço (de paixão), ele não toma corpo. Anatomia invisível, que não se deixa ler — susto. O poeta diz: "Há um mapa a ser jamais interpretado". Contudo, é só por esse "jamais" que a poesia se escreve. Poesia: lugar do jamais, posto do nunca.

Mas quem é o menino morto? O próprio poeta, tonto, se pergunta: "Quem é esse menino no retrato claro/ da sala vazia? Tem um ar distante". A



A noite anterior

questão já não é o corpo que apodrece, ou, até mesmo, se ele de fato existiu. Tampouco a personalidade que o encarnou. Trata-se de outra coisa: da imagem (memória) que o substitui. — Quem era o menino? — Que importa. Hoje é apenas um retrato, um triste desenho do vento". Sua alma está em outro lugar: não no retrato fosco, mas no poema.

"Eu o sinto agora como se fosse meu filho", escreve o poeta, alcançando-se, repentinamente, ao orgulho da paternidade. Sim: de onde mais escorrem os versos, senão deste falso pai verdadeiro? De onde mais alguma coisa fala, senão através desses versos? "Eu aqui tenho que compor com palavras a sombra/ desse transe". Palavras ocu-

pam o lugar de uma lápide, e ela seja o "surfista", e

Walmir Ayala transforma a poesia em uma fracassada, mas bela, indagação sobre o oculto

em vez de re-ria), ou a res-ela seja o qu-bastar.

da Amazônia

construíram a ferrovia Madeira-Mamoré

Fotos de divulgação



REGISTROS do fotógrafo americano Dana Merrill durante a construção da Madeira-Mamoré

fias e dez edições de um jornal em inglês, chamado "The Porto Velho Marconigram". As fotos são dos americanos Dana Merrill, fotógrafo contratado para registrar a construção da ferrovia, e Oscar Pyles.

O jovem escritor americano Frank Kravitz completa as

duro cotidiano das pessoas que trabalhavam na obra.

O ciclo da borracha foi encerrado abruptamente, depois que exploradores britânicos contrabandearam sementes de seringueiras, que foram replantadas com sucesso na Malásia e Sri Lanka (à época Ceilão). Em con-

permitir o escoamento da borracha, tão necessária às forças aliadas. Mas, em 1966, o governo encerrou as operações da ferrovia e, cinco anos depois, preocupados com a fronteira amazônica, determinou o seu desmonte parcial.

O livro é mais do que oportu-

O caso Neruda, de Roberto Ampuero. Tradução de Wladir Dupont • Editora Bem-te-vi, 121 páginas • R\$ 44,90

• Romance policial situado no Chile de 1973, na iminência do golpe militar, o livro narra a história de um poeta que se envolve em um caso de corrupção.



Trilhos na selva — O dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré, de Rose Neeleman e Gary Neeleman. Tradução de Ibraíma Dafonte Tevares. Editora Bei, 256 pgs. R\$ 55

Paulo Thiago de Mello paulothi@oglobo.com.br

Reza a lenda que para cada dormente fincado nos 360 quilômetros da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré um operário perdeu a vida, consumido por malária, disenteria, acidentes e toda sorte de infortúnios decorrentes de um ambiente hostil. Obra faraônica que, em sua época, só tem

o XX era um ativo tão precioso quanto o ouro e o petróleo. Porém, isso era para ser o triunfo da engenharia e do orgulho racialista, não a sobrevivência humana, mostrada em um cenário social sem precedentes. Estimase que cerca de dez mil trabalhadores morreram na construção da ferrovia, que ligava Porto Velho à Guajará-Mirim.

Essa história já foi contada

cravizados por meio de um intrincado sistema de dívida. Trata-se da pesquisa dos americanos Rose e Gary Neeleman intitulada "Nas trilhas da selva — O dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré".

Fruto de achados casuais e encontros fortuitos, a história do livro

esvandar um a familiar.

ros arrebanhados de forma compulsória, os últimos atraídos pelo sonho de riqueza e es-

o Brasil após a guerra de independência, que Gary Neeleman recebeu de um de seus informantes uma caixa contendo 101 fotogra-

que precedeu o Marconigram. As histórias narradas no jornal, republicado em *fac-símile* no livro, as fotos e o diário revelam o

da de ferro. A Madeira-Mamoré voltaria a ter importância estratégica na Segunda Guerra, ao

Hidrelétrico do rio Madeira, cuja iniciativa evoca os esforços faraônicos do passado. ■

lo a d enigm